

Da minha biblioteca

Vera e Fábio – novas pinceladas nos Frescos de Pompeia



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Lívia Borges apresenta um segundo romance da saga *Frescos de Pompeia*. Digo «um» segundo e não «o» segundo, pois, como a autora tem revelado nas apresentações, quer de *Julia Felix*, o seu primeiro romance (v. Cultura.Sul, de agosto de 2011), quer deste, os seus livros foram desenhados como fazendo parte de um todo (alguns já estão mesmo completamente escritos), constituindo, no final, um vasto fresco da vida em Pompeios*, na época imperial. Este segundo romance de Lívia Borges tem como personagem principal uma escrava, que aparecia muito secundariamente no primeiro romance. Por seu lado, Julia Felix entra aqui, não como protagonista, mas como antagonista e propiciadora de muitas situações difíceis que Vera tem de viver e suportar. Uma forma inteligente de nos prender a uma coleção e de nos fazer ansiar pelo volume seguinte. E, apesar de haver uma relação lógica entre eles, a nossa ordem de leitura pode ser variável. Um desafio.

Viajante no tempo

Vera e Fábio (Chiado Editora, 2014) tem uma particularidade que estimula o meu gosto pela temática das viagens no tempo. É verdade, confesso. Sempre achei curioso como os autores resolviam as incongruências que necessariamente nos

vêm à ideia quando pensamos na possibilidade de alguém poder ir ao passado (ou ao futuro) e não alterar nada. E Lívia Borges passa com distinção, pois não é fácil fazer encaixar as peças do passado com as do presente.

Nesta ficção, Vera, uma portuguesa a passar por um período de depressão profunda e desgaste do casamento, vai, um pouco contrariada, de viagem a Itália. Durante um passeio em Roma, na Via Ápia, é transportada para o passado, com o quebrar de um ovo (com toda a metáfora que um ovo carrega: princípio de novo ciclo, início, embrião de nova vida...), e é com o quebrar de outro ovo que retorna ao presente.

Como resolveu a autora as situações mais práticas? Como comunicava Vera, não sabendo latim? Alguns autores põem todos a falar a mesma língua. Vemos isso quase sempre nos filmes americanos, onde todos falam inglês, desde os alienígenas aos índios, aos chineses, aos animais... Aqui, como Vera não sabia a língua do império romano, não comunicava quase com ninguém. Havia até quem a considerasse muda. E sempre que as outras personagens falam (em latim naturalmente), o texto aparece em itálico, e o seu teor realça a dificuldade de compreensão. E como fazer com as roupas? Há autores que colocam as personagens a surgirem nuas no local/tempo de destino (situação deveras embaraçosa, convenhamos). Lívia Borges optou por decidir que Vera manteria as suas roupas modernas ao chegar a Pompeios («*Que vestimentas são essas que usa? // – Algum costume bárbaro, certamente.*» p.43) e o mesmo aconteceria quando regressasse ao séc. XXI («Pensava que tinha sido uma boa ideia descartar-se



‘Vera e Fábio’ é o segundo romance de Lívia Borges

da túnica romana rasgada e suja de sangue. Usava um vestido que surripiara num estendal, três números acima e que ajeitara o melhor possível ao corpo. Mantivera, contudo as sandálias romanas pois não desencantara nenhuns sapatos» p.282).

Loquerisne linguam latinam?

Este livro também é sobre a (ou a falta de) comunicação entre as pessoas. Querendo, há várias formas de nos fazermos entender, mas nem sempre muito eficazes. Este pequeno excerto, com um certo humor, demonstra uma tentativa de entendimento (pp.137; 139):

«– Quería agradecer-te, por aquilo que fizeste por mim... Foste tu que pediste a Julia Felix para me comprar.

Sem o teu gesto, estaria perdida (...).

– Não percebi uma única palavra do que me disseste. Que língua falas, hispânica?

(...)
– De onde vens, Fabius? Vocês tratam-me por hispânica, presumem que venho da Hispânia. (...)

O gladiador semicerrou os olhos.

– Hum... Falas-me da Hispânia? Queres saber de onde venho.

E ele tornou, decompondo o nome da província:

– His-pâ-nia.

E ele revelou, imitando-a:

– Dá-cia... Dá-cia.

Vera sorriu com a descoberta.

– Dácia?

– Dácia... essa é a minha pátria. A Dácia. Pertencço à tribo dos suci, mas vivi muito tempo na Mésia, junto à fron-

teira e ao castro da legião.

– Dácia... Ora, a Dácia.

– Ela colocou um dedo no queixo, revendo os seus conhecimentos sobre a geografia antiga. – Se vens da Dácia... A Dácia, se bem me lembro, agora chama-se Roménia. O que faz de ti, segundo a minha classificação... romeno. És romeno.

Ele franziu a testa.

– Romano? Por que falas nos romanos? Sou dácio, desprezo os romanos. Foram ele que me fizeram escravo.

– Romanos? A que propósito vêm os romanos?»

Viajem ao fundo da alma

A ida ao passado de Vera (sintagma que encerra duas verdades, podendo ser corretamente lido no seu duplo sentido: «ida que Vera faz ao passado» e «ida que Vera

faz ao seu próprio passado») não é inócua. De facto, as nossas ações são sempre consequentes, sejam elas em que épocas forem, mesmo que não conheçamos o seu alcance. A bruxa responsável por esta viagem assume a responsabilidade da sua decisão, admitindo que alterou a história, mas não nos diz como: «Mudaste a tua vida e a vida de todos com os quais estiveste. A culpa foi minha, confesso. Interferi nos desígnios dos deuses. Mudei o teu rumo e mudei o rumo de Pompeia» (p.280).

A viagem de Vera, que poderá parecer um sonho, é sentida sempre como muito real. E longe de ser uma mulher linda, esplendorosa, uma princesa (como quase todas as pessoas imaginam que foram em vidas passadas), Vera é uma pessoa normal, com um ar pouco fino, que vai viver como escrava, que encontra forças, crenças, resistência, resiliência, que nem sabia que tinha e que lhe vão servir nesta vida/tempo, de onde tinha fugido.

Para quem gosta de romances históricos e de Roma antiga em particular (que é o meu caso), este livro, escrito de uma forma vívida (não ocultando a violência e as arbitrariedades da época), visual, olfativa, irá preencher as suas expectativas.

E se ainda não leu *Julia Felix* (Ed. Presença, 2011), é altura de o fazer.

* Em 2011, a propósito de Júlia Felix, escrevi neste jornal: «Pompeios – a minha formação de classicista obriga-me a esta nota. A cidade vesuviana, em Latim, é *Pompeii*, um nome masculino plural. O nome «Pompeia» foi um erro de tradução do popularíssimo romance de Edward Bulwer-Lytton, de 1834, *The Last Days of Pompeii*, por *Os últimos dias de Pompeia*. O nome da cidade, em português, é Pompeios.»



“VOLKER HUBER, O HOMEM E A SUA VIDA”
Até 4 OUT | Galeria de Arte do Convento Espírito Santo - Loulé
Através de documentos fotográficos e vídeo, esta exposição tenta retratar a personalidade do fundador do Centro Cultural São Lourenço, em Almancil, revelando também a sua veia artística



“O ALGARVE!”
Até 30 NOV | 21.30 | Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira
Exposição com reproduções das pinturas de George Landmann, que apresenta imagens do Barlavento e Algarve Central no século XIX, captadas por um estrangeiro viajado e curioso